

# SEBASTIANISMO: O FRACASSADO MITO DE ORIGEM

**Carlos Alberto Vechi\***

*Resumo:* A partir da análise de dois romances portugueses da segunda metade do século XX, *As naus*, de António Lobo Antunes, e *O conquistador*, de Almeida Faria, o presente trabalho pretende não só apontar para o tipo de relação que os dois escritores nessas duas narrativas mantêm com o mito sebástico, como também equacionar o peso que esse mito tem tido sobre a visão do mundo do povo lusitano desde o século XVI.

*Palavras-chave:* Mito; história; sebastianismo; Quinto Império.

**M**ircea Eliade (1989, p.21), ao acentuar a importância que o mito desempenhou e desempenha até hoje na estrutura de qualquer sociedade, afirma que nenhum grupo tem condições de se libertar por completo de duas das conotações essenciais do comportamento mítico – modelo exemplar e repetição –, na medida em que elas são consubstanciais a toda condição humana. Para ele, isso ocorre não só porque os mitos representam o somatório das tradições ancestrais, como também, ao mesmo tempo, as normas que o indivíduo deve procurar não transgredir.

Se a afirmação de Mircea Eliade tem um caráter universal, pois sua validade pode ser constatada na cultura ocidental como um todo, conhecerá uma variável quando se trata do contexto português. Portugal, como todos os demais países ocidentais, conhece o eterno retorno aos mitos nacionais, entretanto atribui a esse retorno um sentido *sui generis*. A reatualização do mito não se constitui, para o povo português, como uma simples afirmação da sua identidade, mas revela-se também como possibilidade de se edificar um novo reino.

\* Professor de Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo. Crítico literário.

Como se sabe, desde sua origem como nação independente, Portugal se construiu em torno de situações que remetem ao mítico. Ainda no reinado do primeiro rei português, Afonso Henriques, quando da batalha de Ourique, contra os mouros, o monarca, reza a lenda, teve uma visão: Cristo lhe aparece para anunciar a vitória dos portugueses. O fato que cerca de uma aura sobrenatural o destino desse povo, ou melhor dizendo, faz do português o povo eleito de Deus.

Buscando uma saída que viesse a permitir a sobrevivência do reino frente a outras nações mais poderosas, o país dá seus primeiros passos em direção à sua expansão “por mares nunca de antes navegados” no século XIV, com a dinastia de Avis. O apogeu e o declínio desse empreendimento se dão no século XVI. Com D. Manuel, o Venturoso, Portugal se faz reconhecer por toda a Europa como uma grande nação; com D. Sebastião, conhece o início da derrocada. Este monarca, levado ainda pelo espírito das cruzadas, resolve combater os mouros no norte da África para defender a Fé e o Império. Na batalha de Alcácer-Quibir, o rei perde a vida e, sem nenhum sucessor direto ao trono, Portugal passa para o domínio espanhol em 1580. Sessenta anos depois, ao recuperar sua independência política, o país é mero arremedo do que conseguira ser durante dois séculos: o XV e o XVI.

O contexto português no século XVI assistiu ao surgimento de dois fatos de fundamental importância para a preservação da identidade nacional ameaçada pela hegemonia espanhola. O primeiro deles refere-se à visão antecipada que Camões tem da iminente derrocada do reino português. No epílogo de *Os lusíadas*, o poeta, consciente do destino trágico que aguarda sua pátria, chega a invocar a figura de D. Sebastião como possível messias responsável pela redenção do povo português. Assim, Camões cerca a figura do monarca de significativa aura mística.

O segundo fato remete ao sapateiro Bandarra, que tem suas quadras proféticas divulgadas por D. João de Castro. Nelas manifesta-se a crença no Quinto Império, que se fundará com a vinda do Encoberto.

Essas duas manifestações – o texto de Camões e o de Bandarra – colocam-se como a base do que se pode considerar um *novo mito de origem*. O retorno do monarca tragicamente desaparecido em Alcácer-Quibir, associado à fundação de um novo reino, constituirá a essência do imaginário português a partir de 1580.

É, entretanto, a partir do século XVII que essa alegoria se realizará como força motriz a conduzir textos de naturezas diversas: filosófica, política, plástica, literária, histórica. No que concerne à expressão literária, alimentaram-se desse tema Padre Antônio Vieira, Almeida Garrett, Eça de Queirós, Fernando Pessoa. Todos eles, independentemente da posição que assumem frente a esse mito, fazem dele componente essencial de suas obras. Vale ressaltar o uso político que se fez do mito sebástico associado à fundação do Quinto Império em momentos cruciais da história de Portugal. Dois deles merecem destaque. O primeiro ocorre logo após a restauração do reino português. D. João IV, duque de Bragança, sobe ao trono em 1640. Entretanto, o monarca não goza da simpatia da nobreza portuguesa pelo fato de, durante as lutas pela restauração do governo português, o duque ter-se mostrado alheio aos problemas que assolavam seu país. Em 1641, Padre Antônio Vieira profere na Capela Real em Lisboa o sermão “Dos bons

anos”. Nele, valendo-se da autoridade que o discurso bíblico confere às suas palavras, procura legitimar a figura do monarca, demonstrando ser ele D. Sebastião ressuscitado.

Outro momento crucial da história de Portugal que explora politicamente o mito sebástico e a idéia do Quinto Império se manifesta durante a ditadura salazarista. A fim de se legitimar no poder, Salazar manipula – valendo-se do mito que constitui o arcabouço do imaginário português – a idéia de um Portugal voltado aos pequeninos. Ele, Salazar, torna-se o messias que tem por objetivo redimir o povo português; apresenta-se, portanto, como a nova reencarnação do trágico monarca e dos ideais que se cristalizam em sua figura.

Quase que coincidentemente à ascensão do salazarismo, assiste-se à fundação do movimento filosófico português que encontra em Leonardo Bruno o seu grande mestre. De natureza reacionária e voltado para um ultranacionalismo, esse movimento tem como valores inabaláveis a figura de D. Sebastião e a fundação do Quinto Império, associados à predestinação que marca o povo português.

Em abril de 1974, combatido pelas guerras coloniais, o governo ditatorial é deposto pela Revolução dos Cravos. Ela, pretendendo instaurar uma nova ordem no país, procura extirpar da consciência do povo todo e qualquer resquício ideológico que lembre os anos de ditadura. Porém, os anos que se seguiram à Revolução mostram que esta também se pautou por uma série de desconcertos. Portugal se vê novamente à deriva. Como reação imediata a esse *status quo*, assiste-se à publicação de uma série de obras literárias que têm como tema o sebastianismo e a provável fundação do Quinto Império. Dos autores surgidos nesse período merecem consideração especial António Lobo Antunes e Almeida Faria. O primeiro publica, na década de 1980, *As naus*, que poderíamos considerar como uma paródia de *Os lusíadas*; o segundo, depois da publicação da *Tetralogia Lusitana*, em que nos apresenta um amplo painel da realidade portuguesa antes, durante e depois da Revolução dos Cravos, escreve, em 1990, o romance *O conquistador*.

Embora os estilos e o tratamento do tema apresentem significativas diferenças, pontos de contato podem ser estabelecidos entre ambos os romances. A primeira aproximação se justifica pela importância que o sebastianismo e a fundação do Quinto Império adquirem nas duas obras.

Em *As naus*, de Lobo Antunes, o leitor depara com uma obra que sintetiza a história de Portugal, desde as suas origens até o estertor que o Império Português conhece, quando se vê obrigado a renunciar às colônias de África. Em *O conquistador*, de Almeida Faria, tem-se o relato do nascimento e da formação daquele que se espera ser o redentor da pátria.

Se no romance de António Lobo Antunes não se pode eleger um herói – pois é toda a coletividade que assume esse estatuto no espaço da narrativa –, é possível destacar a figura de uma personagem privilegiada: a de Camões. A sua presença se faz notar desde o título que o escritor dá à sua obra: *As naus*. Entendido este como metonímia – o continente (as naus) substituindo o conteúdo (os lusíadas) –, constitui recurso de que se vale o escritor para subverter o ideal de grandiosidade contido na epopéia camoniana. Além do mais, das dezenas de personagens históricas que

vivenciaram o apogeu ou a derrocada do Império, a única a receber tratamento especial é o autor de *Os lusíadas*. Desde o momento em que é introduzido na narrativa, recebe o tratamento de “um *homem* chamado Luís”, em que o epíteto “homem” coloca em relevo qualidades de que Portugal pós-Revolução dos Cravos carece: o humanismo e o heroísmo. No contexto, Luís de Camões, que começa a escrever *Os lusíadas* na estação ferroviária de Santa Apolônia, enquanto carrega um caixão em que se acha o pai, morto nas guerras coloniais, pode ser considerado o espelho em que se reflete a imagem de um Portugal combalido, pois sem esperanças.

No romance, D. Sebastião, e tudo o que ele representa para a cultura portuguesa, se coloca como a antítese do poema camoniano, tornado-se, portanto, um instrumento de que se vale o autor a partir de uma visão crítica e, até certo ponto, niilista. D. Sebastião é visto como o rei maricas que, seguindo os caprichos de sua vontade, resolve combater os mouros em Alcácer-Quibir. Sem concessão alguma à figura do monarca, a narrativa nos apresenta uma versão nada heróica da sua morte:

*Foi então que topamos com um grande aparato militar de castelhanos protegendo uma tenda alumiada de barraca de feira, centena de estandartes, bandeiras e cozinhas de campanha, cirurgiões que amolavam bisturis e ilusionistas que divertiam a tropa, e uma sentinela nos informou que o rei Filipe se reunira com os seus marechais na rulote do Estado-Maior a combinar a invasão de Portugal, porque D. Sebastião, aquele pateta inútil de sandálias e brinco na orelha, sempre a morder uma mortalha de haxixe, tinha sido esfaqueado num bairro de droga de Marrocos por roubar a um maricas inglês, chamado Oscar Wilde, um saquinho de liamba. (Lobo Antunes, 1988, p.179)*

Faz-se necessário chamar a atenção, também, para duas outras figuras que aparecem nesse romance: D Manuel, o Venturoso, e Vasco da Gama. No que diz respeito à trajetória da história de Portugal, o primeiro marca o seu zênite. Não é por acaso, pois, que Camões, em seu poema épico, a fim de registrar que o reinado de D. Manuel é a coroação dos feitos portugueses – a expansão marítima –, apresenta-nos o rei no seu sonho de teor profético: nele se vê a apresentação de um Portugal só feito de glórias. O segundo, Vasco da Gama, com sua viagem às Índias, simboliza a concretização do sonho profético de D. Manuel. É ele que, por isso mesmo, se coloca como eixo em torno do qual se desenvolve a epopéia camoniana.

Em *As naus*, essas duas personagens de destaque na história de Portugal são carnavalizadas. São apresentadas como arremedos daquilo que a história nos dá a conhecer a respeito deles. São seres deslocados no tempo e no espaço: fantasias de uma realidade que se anunciou, mas não se cumpriu. D. Manuel, por exemplo, é “um príncipe envelhecido, de coroa de lata com rubis de vidro na cabeça” (Lobo Antunes, 1988, p.117). Figuras anacrônicas, ao transitarem por Portugal pós-Revolução dos Cravos, são internados em um hospital psiquiátrico. Ambos vivem o sonho impossível de um passado jamais recuperável:

*Aos domingos de manhã, se havia sol, o rei D. Manoel buzina da rua, do interior de um Ford antiquíssimo, ferrugento e descapotável, e as vizinhas,*

*estremunhadas, espiavam em camisa o monarca de coroa de folha na cabeça e blusão de manga arregaçada, que acenava a Vasco da Gama com o cetro ordenando-lhe que descesse para seguirem, Marginal fora, a discutir o Oriente num rebolar coxo de bielas, envoltos em rolos de fumo escuro de motor. (ibidem, p.183)*

Numa atmosfera surreal, produzida pela intersecção de tempos e de figuras históricas desde o início do reino até depois de sua derrocada, o presente e o passado se mesclam. Valendo-se desse procedimento, o da pancronia, Lobo Antunes faz um ajuste de contas com o seu país, que durante séculos viveu o sonho do retorno de D. Sebastião e do surgimento do Quinto Império. A glória do passado cede lugar à degradação. As personagens, sem exceção, são *outsiders* que realizam um novo périplo: o de vagar pelas ruas escuras de Lisboa, sem nenhuma expectativa de encontrar um porto seguro que lhes restaure o sentido de suas existências.

Ópera bufa, *As naus* nos coloca diante de um país marcado pelo caos. Um país cujo passado glorioso se esvanece na bruma do presente. Levado por essa visão pessimista, no final do romance Lobo Antunes implode o sonho sebastianista. E a situação que expressa essa realidade é vivida pela personagem Camões. Se, no epílogo de *Os lusíadas*, Camões, como autor da epopéia nacionalista portuguesa, deposita na figura do rei a esperança de que ele torne em realidade toda a esperança de uma nação, agora, como personagem, é testemunha de que tudo não passou de um sonho impossível. Tuberculoso, ao receber a notícia de que El-Rei estaria retornando numa certa manhã, dirige-se com um grupo de internos para receber o monarca às margens do Rio Tejo. Entretanto, o que encontram são *os relinchos de um cavalo impossível*.

Diferentemente do que ocorreu em *As naus*, em *O conquistador* pode-se reconhecer o protagonista: é D. Sebastião. É distinta, também, a revisitação que Almeida Faria faz ao mito do Encoberto. Se, em Lobo Antunes, o mito é implodido, em Almeida Faria o protagonista realiza uma jornada noite adentro a fim de pesquisar o significado que a figura de D. Sebastião tem para a cultura portuguesa.

O protagonista de *O conquistador* não é apenas alguém que é homônimo do “Desejado”, mas aquele que apresentará uma série de semelhanças com a figura do monarca, entre elas a semelhança física, incontestada à medida que atinge a idade adulta. Em outros termos, em seu romance, Almeida Faria, valendo-se de um narrador autodiegético, estrutura uma obra em que nos é contado o que poderia acontecer com alguém que, graças a uma série de coincidências, fosse confundido com o rei tragicamente desaparecido em Alcácer-Quibir. Entretanto, o paralelismo que se instaura entre D. Sebastião e o protagonista será marcado pela ambigüidade. De um lado, tem-se a narração de fatos e situações que parecem corroborar a idéia de que a personagem é a reencarnação de D. Sebastião; de outro, à medida que a narrativa se desenvolve, o herói vive uma série de aventuras que constituirão o processo de aprendizagem por que passa e que o leva ao encontro de um possível destino individual.

No primeiro parágrafo do livro, o narrador relata como se deu o seu nascimento, a partir das histórias que sua avó Catarina (nome também da avó de D. Sebastião, e, além disso, ambas responsáveis pela educação dos

netos) lhe contava. São histórias que ele considera verdadeiras, pois entende que “as avós nunca mentem”. Segundo o relato da avó, Sebastião teria vindo ao mundo num dia de inverno (20 de janeiro – data do nascimento de D. Sebastião), de manhã cedo, em meio a intenso nevoeiro; foi encontrado pelo faroleiro João de Castro dentro de um ovo, com as pernas e os braços de fora.

Além da atmosfera fantástica que cerca o nascimento do herói, chama também a atenção do leitor o nome da personagem que o encontra: João de Castro, o faroleiro do Cabo da Roca. O seu nome remete tanto à figura do príncipe D. João, pai do rei, quanto à de D. João de Castro, responsável pela divulgação das quadras do sapateiro Bandarra. João de Castro, por ser testemunha ocular da ocorrência, torna-se divulgador do nascimento daquele que será visto como a reencarnação de El-Rei, à semelhança de D. João de Castro, que divulga as quadras de Bandarra nas quais se anunciavam a vinda do Encoberto e a fundação do Quinto Império. O nascimento do herói ter ocorrido numa manhã de nevoeiro ganha um significado especial, pois, segundo a crença do povo português, D. Sebastião retornaria numa manhã como essa.

A situação que envolve o encontro da criança pelo faroleiro merece outra consideração. De acordo com o testemunho de João de Castro, a criança encontrava-se dentro de um ovo, guardado por uma serpente marinha. O “ventre” em que a personagem é gerada reforça a sua origem sobrenatural, mítica, portanto. Ainda com relação ao “ventre” que gera o menino, o ovo, pode-se afirmar que ele ganha um valor simbólico, pois, “considerado como aquele que contém o germe e a partir do qual se desenvolverá a manifestação, é um símbolo universal” (Chevalier & Gheerbrant, 1989, p.672). Associado à serpente, representa a manifestação do Verbo. Ligado à origem do mundo e sendo manifestação do Verbo, esse espaço gerador confere a quem nasce dele uma aura messiânica, sobrenatural: a profecia que anuncia a volta de D. Sebastião guarda a promessa da fundação do Quinto Império, que, por sua vez, garantiria a construção de um mundo perfeito, o nascimento de uma nova geração de homens que reconduziria Portugal ao seu antigo esplendor.

Mais um detalhe que marca o nascimento desse “predestinado” deve ser referido. Na noite que antecede o evento “nascimento”, cai uma tempestade violenta seguida de tremores de terra: telhas e tetos se abrem. Segundo João de Castro, “naqueles momentos a Serra era um ventre de grávida percorrido pelos abalos que antecedem o parto” (Faria, 1990, p.17). “O aviso”, ao se aproximar, fez desaparecer o horizonte e em seu lugar surgiu “uma escuridão [que] avançara dos lados do norte de África” (ibidem). Além de indicar o espaço no qual D. Sebastião havia encontrado o seu trágico destino, o sinal cristaliza uma série de significados simbólicos. Entre eles, merece destaque a relação que se pode estabelecer entre a “tempestade-aviso” e o dilúvio bíblico: determinam o fim de um mundo e o início de outro. Como fonte de vida e de morte, a água que cai do céu é um símbolo cosmogônico de caráter renovador: extirpa o mal para que o bem se torne a essência do mundo que surge.

A criança encontrada por João de Castro traz consigo os sinais do escolhido, daquele que irá redimir o seu povo. Desde os primeiros momentos de sua vida, Sebastião é conduzido por um destino que o diferencia dos

seres mortais comuns. Até os três anos, não pronuncia uma palavra, até que perto de Pentecostes, como por milagre, começa a falar. A relação entre o gesto inicial da fala e o Espírito Santo é patente. João de Castro, do farol, vê uma grande ave abrir suas asas sobre sua casa. Esse acontecimento prodigioso acrescenta mais um dado ao mito sebástico como um todo: a criança fala pela língua de fogo do Espírito Santo e, por isso, cabe a ela instaurar o Quinto Império.

Entretanto, a partir do momento em que o herói começa a tomar consciência de si e do mundo, assume um comportamento ambíguo diante da tarefa a ele destinada. É o que se nota, por exemplo, em sua atitude no “Núcleo Sebastianista de Sintra”. Quando estudante no Lyceu Central Pedro Nunes (mestre e um dos tutores de D. Sebastião), deixa-se levar pelos apelos do Cavaleiro Alcides Carvalho, o cavaleiro maneta que assistira com João de Castro ao “surgimento” do herói. O cavaleiro maneta convence Sebastião a freqüentar as reuniões do “Núcleo Sebastianista de Sintra”. Nos encontros semanais, faz, como o protagonista afirma, o jogo de D. Sebastião, o Desejado. Porém a sua participação está muito mais relacionada a um jogo de faz-de-conta do que à convicção de ser verdadeiramente o Encoberto.

Desde o momento em que percebe que o destino a ele reservado nada mais é do que um jogo – cujo primeiro lance fora determinado pelas circunstâncias de seu nascimento –, procura escolher por si mesmo os rumos de seu futuro. Entretanto, essa decisão não o impede de reviver o mito de Édipo: quanto mais foge do destino que lhe fora dado, mais se vê cercado por ele.

No que concerne à busca da individuação: desde a tenra idade, Sebastião tenta trilhar um caminho próprio. Ainda em plena infância, inicia-se na vida amorosa. Duplo de D. Sebastião, procura marcar seu destino pessoal relatando não episódios de guerra, mas suas batalhas amorosas. Desde seu nascimento até o exílio em Paris, sete mulheres participam de sua educação sentimental. Dora Bela, Amélia e Justina participam da vida do herói enquanto ele vive com os pais no Cabo da Roca; Clara, Julieta e Helena são as mulheres que ele conhece quando sai da casa dos pais para estudar em Sintra e Lisboa. Uma oitava mulher se faz presente em sua vida: sua avó Catarina, estrela tutelar, que o acompanha ao longo de sua trajetória.

Dora Bela, “anã reformada de circo”, é um brinquedo a mais na infância do herói, porém um brinquedo especial. É com ela que percebe mudanças nada desagradáveis em seu corpo. Amélia, menina que conhece na escola primária, mostra-lhe, mesmo que numa relação ingênua, a possibilidade de investigar a anatomia feminina: preâmbulo do que virá depois. Num jogo semelhante ao da cabra cega, aproxima-se do feminino através do tato, do olfato e da visão. O erótico, aqui, se, de um lado, leva Sebastião a descobrir o corpo feminino, de outro, leva-o a vislumbrar o mistério do eterno feminino, que transcende a mera aproximação corpórea. Esse “amor” tem um papel fundamental na formação do caráter do herói: por seu intermédio, começa a construir a sua visão do mundo, como também divisa a possibilidade de fugir ao destino que lhe havia sido predeterminado.

No terceiro ano primário, conhece o amor como sexo, guiado pela sua professora Justina. O amor-experiência, substituto do amor-inocência, fortalece o herói e lhe dá possibilidades de enfrentar os perigos do mundo. A relação professora e aluno é efêmera, e, pouco tempo depois da separação, Sebastião sai da casa dos pais para “enfrentar o mundo”.

A primeira mulher que Sebastião conhece, então, é uma jovem judia norte-americana, Clara. Com ela, inicia um relacionamento diferente tanto dos que tivera anteriormente quanto dos que terá mais tarde. Se, com Justina, conheceu o amor carnal, com Clara aprende o amor na sua dimensão total. É síntese e complementação das experiências anteriores, pois nele está presente o lúdico, a busca do eterno feminino e o prazer erótico. É, além disso, uma relação amorosa que une a experiência à transcendência, a ponto de transformar os amantes numa unidade; homem e mulher, carne e espírito tornam-se indissolúveis:

*A mútua procura do prazer, e do prazer, foi-se tornando para nós um fim em si. E ambos acabamos recebendo mais do que demos.* (Faria, 1990, p.63)

Com Clara, se agrava o dilema de Sebastião, pois, em sua companhia, começa a sentir como um fardo pesado demais a sua identidade com D. Sebastião. Percebe que o destino pessoal que procura construir está ameaçado pelo destino que lhe fora imposto por uma coletividade. É com Clara que percebe a diferença que há entre ele e o Encoberto.

Quando a judia errante parte de Portugal, o protagonista vai em busca de novas aventuras amorosas. Da intimidade que se estabelece entre ele e o professor de História, Gabriel Gago de Carvalho, surge a oportunidade de conhecer-lhe a esposa. E, sob o olhar complacente do marido que tudo faz em nome do Quinto Império, mantém uma breve relação amorosa com Julieta.

Julieta, o marido, o cavaleiro Alcides, bem como o ambiente em que transitam transpiram um ar de decadência, luxúria e sordidez. É com essa nova experiência que o protagonista percebe a trama de que está sendo vítima e encontra meios de se livrar do engodo.

Separado de Julieta, conhece a brasileira Helena num restaurante em que fora para comemorar o seu aniversário na companhia da avó Catarina. Estreitada a relação entre ambos, Sebastião convida a brasileira para uma visita ao Museu de Arte Antiga, sob o pretexto de “mostrar-lhe o retrato de D. Sebastião”. Na visita sente-se deliciado com o espanto que a semelhança física entre ele e o rei provoca na nova amante. A reação do protagonista frente à surpresa da nova amante é eivada de sarcasmo, pois para ele:

*Por ironia da História, o rei virgem passou a ser alvo dos fascínios femininos e, após a sua morte numa derrota ominosa, muito boa gente caíra num masoquismo colectivo, que bem define o fraquinho deste país por tudo que seja fracasso, amadorismo e misticismo de pacotilha.* (ibidem, p.108)

A semelhança, observada no plano físico, não ocorre no que concerne ao comportamento, são duas personalidades distintas. Apesar de ambos sonharem com o sobre-humano, como irá demonstrar Helena ao fazer o horóscopo do amante, e serem atraídos por utópicas causas, num ponto



são diametralmente opostos: enquanto o rei marcou sua existência seguindo o impulso de exterminar os que ameaçavam a fé e o império, Sebastião, apesar de ter também sua vontade determinada por Marte, seguiu os impulsos do signo venusino, a busca do feminino.

A educação que o herói recebe mediante a relação com o feminino possibilita que se associe a sua figura a outro mito: o de D. Juan. É ele que estabelece a dualidade que permeia a existência de Sebastião. Enquanto possível reencarnação de D. Sebastião, tem seu destino marcado pelo coletivo; enquanto figura donjuanesca, procura inserir-se no espaço da individualidade.

É necessário, porém, observar que o mito de D. Juan ganha um novo contorno no romance. Se, à primeira vista, o herói parece trazer consigo a libertinagem de D. Juan, a narrativa se encarrega de contradizer essa imagem estereotipada. É pelo amor que Sebastião adquire uma consciência, aprende a ver o feminino como algo edificador; é guiado pelas mulheres que ele ganha uma visão profunda de si e do mundo. É conduzido pelo erótico que ele consegue transcender os limites do aparente e penetrar na essência do humano.

O final provisório de sua trajetória se dá quando retorna do exílio em Paris (fugira para lá a fim de escapar das guerras em África). Refugiado na Peninha, a fim de não ser preso, aguarda o desenlace do seu destino. Sua história, assim, termina num impasse, pois o herói não sabe o que poderá ocorrer com ele; é incapaz de responder se é uma individualidade ou uma figura que só ganha significado quando inserida no sonho de toda uma coletividade. O epílogo do romance, que pode ser considerado o término de uma primeira etapa na existência do protagonista, deixa em aberto a possibilidade de ter início um novo ciclo, que pode corresponder justamente àquilo que o herói tentou evitar: ser o novo messias, que vem resgatar o seu povo de séculos de sofrimento.

Postos lado a lado, os romances analisados permitem a seguinte consideração: ainda que a perspectiva crítica de ambos os autores produza distintos resultados – Lobo Antunes, com sua ironia corrosiva, esfacela o mito sebastianista; Almeida Faria, pelo recurso à ambigüidade, deixa o mito em suspenso –, ambos pagam tributo à figura do trágico rei. Tratado de maneira ambígua, como ocorre em *O conquistador*, ou esvaziado de qualquer significado positivo, como em *As naus*, sente-se a força que o mito sebastiano ainda exerce sobre a cultura portuguesa: as duas obras em questão são movidas pela força desse mito.

Essa constatação leva o leitor mais uma vez a reconhecer que Fernando Pessoa estava certo quando escreveu, em um dos poemas de *Mensagem*, o famoso verso:

*O myto é o nada que é o tudo.*

## Referências bibliográficas

- CHEVALIER, J., GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- LOBO ANTUNES, A. *As naus*. Lisboa: D. Quixote, 1988.
- ELIADE, M. *Mitos, sonhos e mistérios*. Trad. Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 1989.
- FARIA, A. *O conquistador*. Lisboa: Caminho, 1990.

VECHI, C. A. Sebastianism: the failed origin. *Todas as Letras (São Paulo)*, n.5, p.85-94, 2003.

*Abstract: This work aims, as of the review of two Portuguese novels of the second half of the XX Century, The return of the caravels by António Lobo Antunes and O conquistador by Almeida Faria, at not just indicating what kind of relationship there is between each of both writers and the sebastianic myth, as well as to size the influence this myth has had on the vision the Lusitanian people has had of the world since the XVI Century.*

*Keywords: Myth; history; sebastianism; Fifth Empire.*

